



AUDIOVISUAL

MISÉRIAS DO AUDIOVISUAL GALEGO

Do compromisso com a língua (III)

COMBA CAMPOY,
ALBERTE PAGÁN
XIS COSTA



"As pessoas que fan cinema som fillos de pais burgueses. Incorporam ao seu traballo as debilidades da sua classe decadente. Como resultado, o cinema -arte popular em essência- é fabricado e dirixido por homens cada vez mais distanciados do povo." Som palabras de Renoir, em 1936. Décadas despois Godard criticava o facto de o cinema mundial estar feito por homens brancos ocidentais (a custa das mulleres, dos nom brancos, dos nom ocidentais).

Hoje, continuamos a ter saudades do compromiso político e social (e lingüístico) da gente do cinema. Semana das letras/imagens galegas no CGAI corunhês, 2005: de umha dúzia de títulos exhibidos, só um par fôrom em galego. Como mostra de Vídeo Galego nom está mal. Que cada pessoa se expresse no idioma que lhe pete, faltaria mais. Mas achamos em falta o compromiso do artista, da criadora, com a realidade, o de Renoir em 1936 ou o de Godard em 1968. Um compromiso que nas artes das letras é mais firme e mesmo tem certo prestígio, mas está totalmente ausente no mundo audiovisual galego.

A língua galega só se utiliza quando subvençons obrigan (autoridades: tomem nota). Mas trata-se de um uso litúrgico e forçado, um pequeno contratempo que se há de suportar. Os filmes rodam-se em castelhamo (Finisterre, El lápiz del carpintero, este último "baseado no romance publicado por Alfaguara", segundo os seus próprios créditos) para a continuación ser dobrada para o

galego (mas, quanto a nós, sempre preferimos as versons originais, que lhe vamos fazer). Villaverde afirma cuidar muito as dobragens galegas dos seus filmes. Nom se entende entom porque em Fisterra todo o mundo fala galego, seja em Madrid ou em Lisboa, excepto a personagem de Geraldine Chaplin, cujo inglês preferiu legendar. No cinema franquista todo o mundo falava com sotaque de Valladolid. Nom vai sendo hora de respeitar a diversidade, de deixar que os madrilenos falem castelhamo, que os lisboetas falem português, que Chaplin fale inglês e que os galegos falem galego, mesmo nas ruas de Madrid? Chamam a isto normalizaçom lingüística?

Isto acontece porque importa mais o mundo do cinema que o próprio cinema, o tapete vermelho que o celuloide, os prémios que a arte. Referim-nos àqueles que abarrotam o Teatro Principal na gala de homenagem a Manoel de Oliveira e logo abandonam a plateia durante a projecçom dos seus filmes. Os mesmos que inventam um festival "internacional" chamado Curto-circuito (lema, "nom te curtes", mal traduzido do espanhol, para que nom se perda o jogo de palabras; a dobragem aplicada aos títulos dos festivais) onde o que menos importa som os filmes, onde o que mais importa é o tapete vermelho e a 'gala' na Chocolaria à qual, após a entrega de prémios, só se pode acudir com convite. Retonhos burgueses engomados jogando a Hollywood.

Viva o espectáculo!